
Avaliação: mandar e obedecer. Leitura do processo institucional universitário

ANTONIO PEREIRA DOS SANTOS

MESTRE EM FILOSOFIA, PROFESSOR
TITULAR DA UNIVERSIDADE FUMEC

Este texto se propõe a marcar o sentido de uma leitura de dimensão ética do mecanismo universitário no ensino privado, especialmente nas universidades que emergiram privilegiando mais o ensino do que as pesquisas e a extensão. Não como forma de negar as pesquisas que nelas são produzidas ou a extensão nelas experimentada, mas principalmente de afirmar a idéia de que é preciso pesquisar e desenvolver, cada vez mais, atividades de extensão. Nunca desconsiderando critérios mínimos de qualidade de uma pesquisa, do ponto de vista metodológico. Nem as qualidades dos serviços de extensão que podem ser ofertados. Dentro de assentamentos de fundamentação crítica, que devem existir como princípio em toda atividade de produção de conhecimentos.

Sem descuidar, também, de acentuar a dimensão epistêmica que toda investigação requer, como solo e escavação da subtração do caminho de toda possível apresentação de alguma verdade. Não nos valendo somente de uma ou outra abordagem no nível de uma simples descrição, porém daquelas julgadas em critérios gerais sobre aquilo que espelha generali-

dade e universalidade. Considerando todo o fundamento que se originou em um princípio. Situemo-mos em RUSS (1999, p. 31):

Esse termo designa, sabe-se (cf. a palavra latina *principium*, que significa começo), o que o espírito descobre como primeiro ao termo de sua análise e que ele põe como ponto de partida de um processo. Na ordem da ação, nenhuma ética é possível sem proposições de base, sem hipóteses governando o campo reflexivo. Quais princípios governam a ética contemporânea, tomada em sua dupla acepção de metamoral fundadora e de ética aplicada?

Primeiro comentário

No âmbito universitário processa-se uma insolvência do sujeito, com respaldo nas filosofias contemporâneas que se ocuparam da Filosofia e da Ciência. Enquanto experiência do sujeito cindido, dividido e não sabedor do que quer. Esse sujeito da falta remonta às origens gregas do pensamento. Mas ele foi mais bem definido em termos do seu estatuto nas reflexões sobre as estruturas da linguagem no pensamento contemporâneo. E pensá-lo no todo é inseri-lo numa perspectiva histórica que não se apoiaria somente na noção de consciência. Daí toda uma crítica às chamadas filosofias da consciência, que tiveram seu apogeu nos anos 40, especialmente no pensamento filosófico francês.

Mas o pensar resulta de uma experiência coletiva. Dessa rica experiência podemos extrair muitos significados. Pois o caso a que fizemos referência é uma experiência acumulada em muitas décadas. Como teorias e situações que se espelham na ação que quase sempre foi pensada e respaldada na produção de natureza teórica. Dessa forma as individualidades se manifestam, porém se diluem de forma rápida, de maneira a se parecerem cruéis, mas não carregam o tom da perversidade. São so-

mente resultado de choques entre o imaginário e o sopro da coletividade.

O primeiro espanto do universitário com as novas verdades produz uma subjetividade ansiosa por fazer alguma avaliação, que acaba sendo descabida, justamente porque é fruto de uma manifestação espontânea, meramente opinativa. E por isso mesmo desproposita, pois feita ao sabor do acaso, sem nenhuma forma de um ver já conhecido. E é a partir dessa expressão tão natural que o primeiro olhar do universitário aponta para uma avaliação inteiramente distante das avaliações institucionais, tão repletas de significado, com dados e referenciais estatísticos nos tempos que se seguem.

Onde a medida, em termos de quantidade, tem mais força de persuadir do que outras formas de argumentação. O que tanto se avalia nas universidades desta nova era? Tudo, menos sua verdade, como instituição. Pois, ao inseri-la no contexto social, podem-se ver suas inúmeras contradições. Como mercadoria vendida para uma clientela indistinta, ela já se descaracteriza como centro produtor de conhecimentos marcados pela idéia da universalidade.

Esse é um dos possíveis referenciais para uma compreensão e seria motivo de uma reflexão política que apontasse um traço na história ocidental. Aqui, o antigo tema do mandar e obedecer é um indicador muito preciso para uma busca do compreender dessa realidade, sinal de um novo tempo, ardil e forma de dominação, revestida de inúmeras violências, ainda pouco conhecidas em uma visão de totalidade. No caso das universidades particulares, a questão do pagamento tem gerado uma situação nova, pois o sujeito do conhecimento, que é o estudante, pelo fato de pagar para estudar, se coloca na condição de quem manda, na condição de cliente e consumidor.

Essa pedagogia espelha um tempo ainda pouco conhecido em termos analíticos ou de explicação da atual realidade univer-

sitária, no todo de seu funcionamento. Seria necessário avaliar o modo como o sujeito que produz o conhecimento sob a condição de aluno trabalha com o saber na atualidade. Se é realmente um produtor de conhecimentos ou mero reproduzidor do que já está aí, sem possibilidades de questionamento.

Vejamos, na filosofia, como esse tipo de manifestação do sujeito do conhecimento se manifesta:

Na admiração, verifica-se um simpatizar, no sentido etimológico da palavra, um sentir unido ao real como uma presença insofismável, porque, longe de impor-lhe o que quer que seja, o deixa ser em toda a sua dimensão, como plenitude de presença (BORNHEIM, 1998, p. 39).

Qual o *ethos* da juventude atual? É difícil saber qual é a verdade que a guia. E parece também que os jovens não querem discutir o sentido dos seus destinos, já que se apegaram muito a posturas prontas, ou se arrastam muito em dogmas ou mitos acerca de si próprios. A tônica de uma sociedade arrogante, através de seus sujeitos, é matéria prática e acadêmica, que tem despertado muitos debates.

Mas o universitário entra em um curso superior e, já no primeiro dia, avalia tudo, até mesmo o significado de sua existência como universitário. Às vezes fica tomado de decepção, às vezes de euforia, e no entanto o que pode ocorrer é perceber que o peso de uma radical experiência veio para mudar tudo e obrigá-lo a pontuar sua vida inteiramente. Observa quem manda e a aparência de quem obedece. Parece escorrer de seus lábios a singela pergunta: existe legitimidade nos gestos de quem manda? E por que quem obedece deve ser servil em sua obediência? A ponto de perder até o mínimo de crítica que até então lhe dava sustentação e lhe garantia uma sobrevivência no nível da experiência intelectual necessária para estar atento aos rumores do tempo, como também às ameaças dos acontecimentos.

Daí a idéia, decorrente das práticas morais da modernidade,

de oferecer uma compreensão um pouco dúbia do significado do mandar e obedecer. Essa dicotomia tem forte laço na idéia da contradição dialética, formulada na dialética do senhor e do escravo, dentro da filosofia hegeliana. Ou na descrição marxista da luta de classes. Já em Foucault, em seu *Vigiar e Punir*, o tema do mandar e obedecer já oferece uma visão diferenciada do tema da contradição dialética. Porque o autor pensa a partir da noção de disciplina. O olhar que vigia é o olhar que manda, porque é disciplinar:

Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento. As disciplinas estabelecem uma infra-penalidade; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença (FOUCAULT, 1975, p. 159).

Oferecendo condições de maior dominação sobre aqueles que obedecem. Assim, transpondo essa realidade disciplinar para a realidade da instituição universitária, vemos algumas semelhanças nesse aspecto de dominação. Principalmente no que tange às normas dos processos de avaliação, que sempre despertam algum tipo de desconfiança por parte de quem está sendo avaliado. Porque, frente à multiplicidade dos saberes, avalia-se mais o sujeito do que os conhecimentos dos quais ele possa ser portador. Numa era de extremo individualismo como a atual, o distanciamento teórico parece que se perdeu muito no esquecimento ou na banalidade. Basta verificar a situação no trabalho com os saberes abstratos. A tendência em achar que se possui conhecimentos inquestionáveis faz cada proprietário de verdades particulares considerar que elas são universais. O caos no processo de avaliar é muito grande, porque os critérios adotados quase sempre se assentam no certo e no errado, numa visão exclusivamente positiva da situação.

Essa dualidade traiçoeira faz da exigência da normalidade uma regra necessária para que o sentido do mandar e do obedecer seja regido por um código de penalidades que desfaz quase sempre os ideais de liberdades democráticas. As perguntas se alastram de tal forma que é difícil se localizar com segurança no trato com o comando e no aspecto administrativo das instituições. Voltemos ao discurso especulativo.

Novamente RUSS:

Tentamos apreender por que a natureza das interrogações, mas também o tom e o estilo das análises se modificam. Ser-nos-á preciso levar em conta muitos fatores: a falência do sentido; a reincidência das ideologias e utopias; o triunfo do individualismo e, enfim, o aparecimento de novas tecnologias, engendrando um crescimento brutal dos poderes do homem, sujeito e objeto de suas próprias técnicas.

Dessa forma, estudar os princípios éticos e morais que fundamentam e estruturam a universidade, em sua recente aventura como instrumento de produção e transmissão do conhecimento, significa também lançar um olhar. Um olhar curioso e de investigação, mas às vezes também punitivo. Pois sua finalidade social e seus compromissos políticos com a sociedade, como um todo que se move, estão em permanente transformação. Por isso, esse olhar não é um olhar que descreve e analisa, mas um olhar que vê para punir. Amparemo-nos novamente em Foucault:

A punição disciplinar é, pelo menos por uma boa parte, isomorfa à própria obrigação; ela é menos a vingança da lei ultrajada que sua repetição, sua insistência redobrada. De modo que o efeito corretivo que dela se espera apenas de uma maneira acessória passa pela expiação e pelo arrependimento; é diretamente obtido pela mecânica de um castigo (FOUCAULT, 1975, p.161).

Se um niilismo moral e ético encampou todo um projeto social e a miséria cotidiana envelopou a todos, porque a verdade de um acaba sendo a verdade do outro, isso se estende a todo o corpo social, na figura de cada sujeito que se vê tolhido dentro

ou fora da universidade. A questão disciplinar, na verdade, encampa todas as instituições do campo social. E, por mais que se queira exercitar as práticas democráticas, não há como fugir da realidade das punições. Daí o lema vigiar e punir ser uma forma de simulacro comum nas práticas sociais, ou nos envolvimento dos sujeitos na permanente busca de uma forma de exercício de poder.

Novamente,

a primeira característica da admiração ingênua é a afirmação, compreendida como abertura, do outro como outro, que revela o sentimento de pura disponibilidade, amorosa e desinteressada (BORNHEIM, 1998, p. 41).

O que mostra para nós a importância de um pensar que esteja referendado numa atitude de gratuidade, sem a ambição e a avareza de querer ser único, adotando com isso um pensar como dogma e, por isso mesmo, recusável.

Segundo comentário

As crises morais atravessam a universidade de fora para dentro, e isso é inevitável. Pois a sociedade encontra-se tão marcada de contradições e violências que não seria possível ser de outro jeito. A luta é o signo de uma sociedade em permanente conflito, e a morte violenta tornou-se lugar-comum na mídia, nas grandes e pequenas cidades. A violência banalizou-se de tal forma que os sujeitos não se assustam mais ao vê-la anunciada.

O crime é o significado de um tempo ardilosamente do escapismo, estranho e cruel, que rouba um pouco da esperança dos sujeitos que já não se levantam para promover mudanças, e isso é na verdade sintoma das inumeráveis contradições que uma nova ordem colocou em curso. Ordem perversa e constante em desfazer de tudo e de todos. Pois a surpresa colhe um

a um até colher a todos e provocar inigualável espanto. Não há como escapar do inesperado, e não há como se prevenir contra ele. Numa ordem difícil e absurda, porém presente a todo momento, a provocar uma espécie de medo de natureza hostil, espantosamente cruel e muitas vezes sem saídas.

O não reconhecimento tornou-se uma constante em todas as modalidades de relacionamento. No caso do relacionamento dos docentes com os discentes, é algo espantoso o que se verifica. O respeito, que sempre foi uma categoria ética muito presente nas relações, tornou-se descartável e sem finalidade, neste mundo em que cada um basta a si mesmo. Com isso um dos princípios básicos da ética se perdeu inteiramente. E o desrespeito passou a imperar.

Nesse sentido o individualismo tem produzido um tipo de sujeito ardentemente maldoso consigo e com os outros. Sem possibilidades de reciprocidades afetivas e sempre com o travo amargo da desventura e da aturdida vingança. A universidade reflete tudo isso, e dessa forma os sujeitos maculam os novos tempos. O lema do mandar e obedecer deu lugar à prática de um cinismo imperioso e ansioso da vingança violenta.

Essa nova ordem, difícil de definir ou apalpar, porque é escorregadia e tem provocado mudanças tão grandes e perturbadoras, funciona como se tudo tivesse saído do lugar. O tema do respeito, sempre presente no discurso ético, saiu da teoria e da prática com tamanha velocidade que em muitas situações passou a vigorar uma bem arranjada teoria do caótico e do absurdo, que a tudo e a todos devassa, sem nenhuma medida e com cruel impiedade. Se a época é de total falta de respeito em relação a tudo, o que fazer e o que esperar nessas circunstâncias tão desfavoráveis?

A universidade perdeu-se de toda possível axiologia, por opção ou por falta de projeto político adequado aos conturbados movimentos dos tempos atuais. A política caiu em descrédito, porque a falência geral das sociedades é o mais universal dos

fenômenos de que se tem notícia, nos vários setores e nos mais variados espaços da conturbada situação desta atormentada era. Os valores se deterioraram a tal ponto que em muitas situações é difícil distinguir o verdadeiro do falso.

O reflexo de tal situação no seio da universidade é assustador, principalmente no contexto de concorrências, como é o caso das universidades privadas, numa avalanche como nunca antes foi experimentada. A ausência de critérios universais para preencher vagas é um sinal evidente dos variados mecanismos negadores de uma ética que pudesse estabelecer referências sensíveis e princípios efetivos para essas demandas formuladas na atualidade. Daí o tema da morte do sentido, sempre a retornar, como num acaso de imprecisões.

Com isso, predominam critérios duvidosos, que acabam fazendo valer formas não valorizadas, que se transformam em nihilismo ético e em exercícios de força e de astúcia, para se sair vencedor, a artimanha e a virulência, como não se conheceu em outras épocas. Pelo menos não se tem registro da força de tamanha desigualdade ao se fazer um exercício de memória histórica dessa natureza.

Mas o palco das desordens afeta a todos e acrescenta a cada um, no mínimo, a desesperança e até um pouco de desconsolo da sobrevivência forçada de cada dia disponível para se viver. A universidade de hoje é o palco do desacordo, e sua avaliação ética não deve obedecer aos critérios morais da tradição.

Os valores e os sistemas de moralidade modificaram-se de tal forma que uma categoria como a do absurdo, como a formulou Camus, no belo romance *O Estrangeiro*, no contexto da atualidade é tomada como algo muito natural. Narra-se a história de um homem que cometera um assassinato absurdo dentro de uma situação absurda. Com isso toda uma análise da sociedade e de suas práticas absurdas vem à tona. Como se estivesse demonstrando a total falta de sentido de tudo. Mesmo dentro de

uma análise criteriosa, própria mas rigorosa, em termos de visão global de um fenômeno. Tomemos a narrativa:

Todo o meu ser se retesou e crispei a mão que segurava o revólver. O gatilho cedeu, toquei na superfície lisa da coronha e foi aí, com um barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecedor, que tudo principiou. Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz (CAMUS, s/d. p.131).

Imerso no significado da procura de sentido ou de explicitação de uma aventura, a narrativa nos apresenta uma situação inteiramente absurda, para uma época também estupidamente absurda. O trecho citado vem espelhar uma das circunstâncias da época atual, em que acontecem coisas que não sabemos por quê. Transpondo para o contexto universitário, podem também ocorrer situações absurdas, sem sabermos por que elas acontecem. Essa figuração tem o sentido de uma metáfora. E seria mais bem compreendida se fosse vista assim.

É muito arriscado dizer que os tempos são de irracionalismo e de cata de sentido em todas as situações. Mas alguma coisa nebulosa e de confusas procuras acaba perseguindo a todos, numa sofreguidão sem fim. Muitas vezes procuramos o sentido, e ele nos escapa; podemos passar uma vida a procurar e não o encontraremos. Daí a pergunta sem resposta: o sentido existe?

O lugar da tolerância no mandar e no obedecer: síntese de um provável comentário em curso

A universidade da atualidade, perdendo a referência dos valores, perdeu também a referência da tolerância, e isso a faz com-

portar-se de modo ambíguo, ora tomando tal posição, ora agindo de modo contrário. O número crescente de grupos, com variadas tendências políticas, coloca em cena um crescente conflito de interesses, no qual não há nitidez no tom ideológico que o debate poderia tomar, mas gritos enfileirados em acusações e a velha gana de um vencer o outro. E o foco central, que deveria ser o da universidade – a pesquisa sobre o conhecimento –, fica entregue ao acaso e ao acaso, na maioria dos campos. Com isso, a experiência do politicismo ganha cada vez mais força e adeptos, que caem numa conformidade assustadora, que a desordem colocou em cena.

Não há mais a noção de luta política, no sentido do coletivo; é mais cômodo fazer o discurso que se opõe do que o discurso que poderia construir. A luta política assumiu o conturbado lugar das acusações pessoais, numa rixa imprudente e descabida. Em vez de a tolerância se apresentar como virtude, ela acaba por se fazer revestida de simplismo, e aquele que a manifesta acaba passando por ingênuo e incapaz de uma ação política ativa e geradora de possíveis transformações das práticas inertes, como é salientado na visão sartreana, em suas críticas ao pensamento dialético que se distanciou da prática.

Tempos de niilismo e de negação de verdades que se apresentavam como inquestionáveis, na ordem de um tempo que se queria contínuo e imutável. O desafio de praticar a tolerância, como virtude e valor fundamental de uma ética de ramificações históricas, é o grande desafio de quem lida com a universidade. Saber-se tolerante e praticar a tolerância é uma exigência desta aturdida atualidade. Lidar e viver com ela é uma sabedoria.

Referências

BORNHEIM, Gerd A. *Introdução ao filosofar*. São Paulo: Globo, 1998.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, s/d.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia del espíritu*. México: Fondo de Cultura Económica, 1966.

RUSS, Jacqueline. *Pensamento ético contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

AVALIAÇÃO: MANDAR E OBEDECER.

LEITURA DO PROCESSO INSTITUCIONAL UNIVERSITÁRIO

Ao marcar o sentido de uma leitura ética do mecanismo universitário no ensino privado, observa-se que nesse âmbito processa-se uma insolvência do sujeito. A universidade privada tornou-se mercadoria para uma clientela indistinta. O tema do mandar e obedecer é um indicador para a busca da compreensão dessa realidade. As crises morais atravessam a universidade de fora para dentro. O respeito tornou-se peça descartável em um mundo no qual cada um basta a si mesmo. O lema mandar e obedecer deu lugar à prática do cinismo. Os valores se deterioraram, e em muitas situações é difícil distinguir o verdadeiro do falso. A universidade é palco de acontecimentos. Sua avaliação ética não deve obedecer a critérios morais da tradição. Pensar e praticar a tolerância é uma necessidade dentro da universidade. Ser tolerante é uma exigência da atualidade.

Palavras-chave: ética; avaliação, sujeito; mandar e obedecer; respeito; valores, tolerância.

Resumo

APPRAISAL: ORDERING AND OBEYING.

READING OF THE UNIVERSITY INSTITUTIONAL PROCESS

When determining the aim of an ethical reading of the university mechanism within the private teaching, it can be noticed that in this ambit an insolvency of the subject is processed. The private university became merchandise for an indistinct clientele. The theme of ordering and obeying is an indicator towards the search for understanding this reality. The moral crises cross the university from the outside to the inside. Respect has turned into a disposable piece in a world where each one is self-sufficing. The ordering and obeying lemma gave room to the practice of cynicism. The values have deteriorated, and in many situations it is difficult to distinguish the true from the false. The university is a stage for happenings. Its ethical appraisal should not follow moral criteria of tradition. Thinking of and practicing tolerance is a necessity inside the university. Being tolerant is a requirement these days.

Key words: ethics; appraisal; subject; ordering and obeying; respect; values; tolerance.

Abstract

Résumé

ÉVALUATION : COMMANDER ET OBÉIR. UNE LECTURE DU PROCESSUS INSTITUTIONNEL UNIVERSITAIRE

À partir d'une lecture éthique du fonctionnement universitaire privé il est possible de remarquer qu'il existe une sorte d'insolvabilité liée au sujet. L'université privée est devenue une marchandise pour une clientèle indistincte. Les crises morales atteignent l'université à partir de l'extérieur. « Commander et obéir » devient ainsi un outil pour la compréhension d'une telle réalité. Le respect est devenu déplacé dans un monde où chacun se suffit à soi même. L'impératif « commander et obéir » a frayé la voie au cynisme. Les valeurs se dégradent et dans beaucoup de situations il est difficile de distinguer le vrai du faux. L'article considère que l'université est la scène où se déroulent les événements. L'évaluation éthique de l'université ne doit pas obéir aux critères moraux de la tradition. Penser et pratiquer la tolérance devient impératif à l'intérieur de l'université. Être tolérant est une exigence de l'actualité.

Mots-clés: éthique; évaluation; sujet; commander et obéir; respect; valeurs; tolérance.